



Sobre Meninas no Papel: inocentes/ erotizadas? As meninas hoje

Leni Vieira Dorneles

RESUMO - Sobre Meninas no Papel: inocentes/erotizadas? As meninas hoje. Analiso a produção das meninas nas práticas discursivas das revistas e, em especial, das revistas femininas infantis brasileiras, perfazendo o processo de fabricação dos sujeitos femininos infantis no papel e na atualidade. Mostro as formas de subjetivação das meninas, bem como a produção do disciplinamento da sua sexualidade, por meio de um dispositivo que fabrica uma menina ao mesmo tempo inocente e pura, sensual e erotizada, juvenescida.

Palavras-chave: Sexualidade. Erotização. Meninas. Subjetividades Femininas. Gênero.

ABSTRACT - About Girls on the Role: innocent/erotized? Girls today. I analyse the production of girls under discursive practice in magazines and especially in Brazilian children's female magazines, so completing the process of making female children's subjects in print media today. I show how girls are subjectified and how sexuality is disciplined through a device making innocent, pure, sensual, eroticised, young girls.

Keywords: Sexuality. Eroticisation. Girls. Female Subjectivities. Gender.

Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 175-192, set./dez., 2010.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

Para mim, a sociedade para de escapar. [...] O problema, para a sociedade, é o de parar de vazar. Michel Foucault se admirava de que, apesar de todos os poderes, de toda a dissimulação e hipocrisia desses poderes, nós ainda conseguimos resistir. Eu ao contrário, admiro-me de que, ainda que tudo vaze, o governo consiga tapar o vazamento (Deleuze, 2002, p. 74).

Neste artigo, organizado a partir de minha tese de doutoramento intitulada *Meninas no Papel*, procuro problematizar como as meninas são convidadas pelas revistas femininas infantis a se constituírem meninas de um determinado tipo. Atento para questões que atravessam o cotidiano da infância de meninas na mídia impressa e para os modos de ser sujeito infantil hoje. Apon-to neste texto como, apesar de todo o discurso produzido para que as meninas ajam sobre os seus corpos, há corpos que continuam escapando, vazando, mesmo que continuemos, como adultos, a tentar tapar estes vazamentos e querer produzir um determinado tipo de menina. Daí as meninas, hoje, aparecerem a todo instante na mídia em geral e, neste caso particularmente, nos ditos e nas imagens das revistas para elas organizadas pelos adultos, num misto de inocência, sensualidade e erotização. Infiro, a partir de meu estudo, que as revistas produzem determinadas formas de experiência que buscam moldar as meninas a olhar e ler determinados objetos e, no limite, buscar produzi-las como sujeitos de um tipo.

Sobre Sexo e Sexualidade das Crianças

Entendo que, ao pensar em como se constituem na mídia impressa as meninas hoje, preciso me remeter às condições de possibilidade para produção dos sujeitos infantis que emergem na Modernidade como parte de uma nova configuração social chamada família. A partir deste novo desenho de vida coletiva, Foucault (1997b) mostra como se inventou o corpo sexual da criança (século XVIII), ao se compor uma grande campanha contra a masturbação infantil. Tal atividade era dirigida aos adolescentes ou às crianças, e mais precisamente ainda, aos infantis⁺ que faziam parte das famílias ricas ou abastadas (em relação aos filhos de operários se prestou mais atenção ao incesto).

A interdição proposta aos infantis não era tanto em relação ao outro, mas sim na relação de si para consigo mesmo, sendo proibido ao indivíduo tocar em si mesmo. Com a pastoral cristã e o jogo do pastor, ou seja, daquele que cuida de cada um sem deixar de cuidar de todos, tudo o que diz respeito ao sexo passa a ser regulado pela palavra, pelo discurso da sexualidade. A sexualidade é então interditada, aprisionada, *muda-se para dentro de casa* e, com ela, o corpo passa a ser decorosamente escondido, os discursos, a serem rigorosamente esterilizados, e o que excede vira *anormal*.

Sobre o sexo da criança, instala-se uma ortopedia discursiva, ou seja, um discurso reduzido, o discurso dos adultos que trata sobre o sexo da criança como um dispositivo voltado para a produção de narrativas e não para sua interdição. O corpo da criança, visto como portador de uma sexualidade natural e perigosa, deve ser reconduzido a padrões mais *aceitáveis*. Em meus estudos acerca da sexualidade das meninas nas revistas (Dornelles, 2000), observei como e por meio de que estratégias os discursos que atravessam as revistas femininas infantis pretendem capturar as meninas. Com isso, não pretendo usar as revistas destinadas às meninas como uma denúncia, e sim pretendo, ao dar visibilidade ao seu conteúdo, expor minimamente como se apresentam às meninas que as leem, mostrando que é quase impossível falar sobre um único modo de se ter uma infância ou ser um infantil hoje. Dando continuidade aos estudos feitos a partir da tese e ao investigar como as meninas são capturadas pelos discursos das revistas, entendo que só é possível falar sobre os modos de ser menina em momentos datados e circunscritos às condições culturais específicas de sua produção. Isso lembra Bauman (2001), quando afirma que, para falar dos líquidos – que escorregam, fogem, transbordam, respingam, inundam... –, é preciso apreendê-los e descrever a forma que assumem em dado momento. Ao tratar das revistas, o que faço é *apreender*, de maneira circunscrita, limitada, datada e situada, certa infância e as meninas que a vivem, como uma espécie de *flash* que talvez não tenha durado muito mais do que o tempo de *apreender* uma *performance* dos modos de ser menina no mundo contemporâneo.

Para fazer a análise das revistas, utilizo o referencial teórico dos *Estudos Culturais*, das contribuições dos *Estudos de Gênero*, entendendo gênero como possíveis formas de fazer uso de feminilidades e masculinidades, mais especificamente aos modos de se constituir meninas nas revistas femininas infantis, enfatizando sua emergência contingente, transitória e cultural. As revistas em questão, analisadas desde seu lançamento no final da década de 1990, mostram o quanto desempenham uma função pedagógica ensinando as meninas a se comportarem, vestirem-se, receberem amigos, embelezarem-se, conhecerem a si e aos outros para melhor interagir no seu cotidiano.

Tal como mostra Foucault (1997a) em seus estudos, observo, ao analisar tais revistas, como se produz o controle das meninas ou um outro controle sobre seus corpos por meio de uma pedagogia que as ensina a serem e a terem determinados comportamentos e a desejarem determinadas coisas e não outras. Atento sobre como os discursos de tais materialidades buscam exercer o controle e a vigilância sobre as meninas neste momento e nesta sociedade, pois é “[...] nessa época [que estão] dadas às condições para que adulto e criança se diferenciem e se distanciem, numa operação que constitui a justificativa para a intervenção” (Bujes, 2001, p. 41), bem como para a prática de disciplinamento das meninas. Observo, também, como as revistas para meninas tornam-se, na atualidade, um veículo para a publicização da sexualidade infantil.

Meninas no Papel

Pretendo, a partir do que discuti anteriormente acerca das condições de possibilidade de se tratar de meninas e de seus corpos, fazer um entrelaçamento entre o que dizem as revistas, ou seja, como os seus ditos tratam dos modos de se ser menina hoje. Como estes se enredam numa rede de enunciados que compõem tais revistas² e funcionam como uma pedagogia cultural que exerce poder por meio de seus saberes sobre as meninas, ensinando-lhes técnicas de como lidar com seu corpo e fazê-lo funcionar dentro daquilo que é ditado pela ordem do momento atual. Assim, passo a me ater ao que elas enunciam, pedagogizam, apreendendo-as na “[...] estreiteza e singularidade de seus acontecimentos” (Foucault, 2000, p. 93). Procuro entender aquilo a que os discursos das revistas infantis remetem, induzem, limitam, interditam, deixam escapar. Para tal, busco problematizar alguns discursos da mídia impressa para meninas e sobre como estas aparecem em suas seções³.

Tendo acompanhado a publicação das revistas femininas infantis desde seu lançamento (final da década de 1990), observo que até hoje, via de regra, permanecem em circulação por um curto espaço de tempo, mais ou menos por volta de dois anos, surgindo imediatamente uma nova revista no mercado, em tudo semelhante à que foi extinta, apenas com outro nome. Desta maneira, o conjunto das revistas infantis femininas mantém, desde o aparecimento da primeira publicação – *Super Menina*, em 1997 –, uma constância de temas em suas seções que tratam de beleza, de dicas de moda, culinária, sucesso etc.

Ao tratar sobre como são constituídos os enunciados que convidam as meninas a serem de um jeito nas revistas, busco entender como estes as interpelam a serem, muitas vezes, *supermeninas* como infere a revista. É importante ressaltar que não se trata, neste artigo, de uma análise linguística ou mesmo semântica do discurso. O termo discurso, aqui, é usado a partir de Foucault (1995b, p. 6):

[...] como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os torna irredutível à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso aparecer e que é preciso descrever.

O que pretendo é mostrar o *mais* dos discursos produzidos nessas revistas e como tais discursos são constituídos e invocam noções particulares de verdade sobre *o como* as meninas devem agir para atingir a perfeição. Como tais discursos se identificam em sua *vontade de saber* quando organizam elementos discursivos do campo das publicações para as meninas, em que construo em minhas investigações *ser menina* como problema. Mostro de que maneira tais discursos sobre a infância feminina não se multiplicam fora do poder ou contra ele, mas no lugar mesmo onde o poder se exerce e como meio do seu

exercício e expõe sua fragilidade como nos ensina Foucault (1997b). Tomo, então, neste artigo, o discurso das revistas como constituidor de significados do ser menina e, portanto, como se constrói como sujeito feminino infantil.

Ao pretender estudar de que modo se produz na discursividade das revistas o significado de *ser menina hoje*, ocupei-me das estratégias utilizadas para impor e tornar hegemônico esse significado. A análise minuciosa de suas páginas me permitiu identificar como os modos de operar das pedagogias culturais que produzem sujeitos femininos infantis incluem um outro entendimento, o de como se dão as relações de poder/saber na sociedade atual. Por sua vez, isso me permitiu identificar nas revistas como essas relações se apoiam em determinados saberes e são sustentadas pela constituição de uma rede de *experts* (médicos, fotógrafos, maquiladores, estilistas, nutricionistas, psicólogos, mães, diretores de teatro, atrizes etc.), cujo discurso apresenta-se como legítimo e, portanto, com poder de dizer a *verdade* que servirá de suporte para as formas de regulação, disciplinamento e subjetivação do ser menina.

De algum modo, estes *experts* são autorizados a falar sobre as meninas nas revistas. O que se fala sobre elas? Em suas seções, enredam-se temas como: *Você é a capa* – em que as meninas escrevem para a revista e concorrem à *menina da capa*; *Diário* – nele as meninas aprendem a falar de si e de seus segredos; *Horóscopo* – seção que afirma que desde pequenas as meninas precisam, antes de sair de casa, investigar como será seu dia; *Mão na Massa* – seção de culinária que educa e ajuda, desde cedo, a menina a preparar e conquistar alguém pela comida. A seção *Teste* – ensina a fazer um exame de si e, por meio de seu resultado, essas meninas poderão controlar melhor seus impulsos; *Dicas e Manuais* – ensinam sobre prendas domésticas e possibilidades de serem inventivas e criativas com vista a se tornarem mais bonitas e com melhor aparência. Estas seções corroboram para o que afirma Fischer (1999, p. 25):

[...] como podemos tornar-nos sujeitos de vários discursos, há que sermos interpelados, há que sermos chamados, e isso demanda, por parte da mídia e da publicidade [das revistas femininas infantis], no mínimo um trabalho cuidadoso de investigação sobre gostos, preferências, hábitos, opiniões, situação social e econômica [do público feminino infantil].

As seções das revistas, ao interpelarem as meninas, vão compondo verdades a serem seguidas por estas e, ao criarem um discurso próprio, verdadeiro, fazem com que todos os demais discursos sofram uma espécie de constante reprocessamento. Observa-se que tais discursos atravessam a fala das meninas nas revistas organizadas pelo adulto e neles se potencializa o como se deva ser menina hoje. Foucault (1998b) afirma que vivemos numa sociedade que produz e faz circular discursos que funcionam como verdadeiros. Verdade ficcional e poética que desempenha um papel econômico e político nas práticas vigentes. Daí ser relevante a afirmação de Gore (1999) de que todos os discursos são perigosos, pois o poder e a verdade estão *ligados numa relação*

circular. A verdade existe numa relação de poder que opera em conexão em torno de um poder discursivo; assim, o discurso é perigoso porque “[...] todo o discurso, sem exceção aprisiona” (Marzola, 2000, p. 93).

Para produzir um modo de ser menina nas revistas, estas são convidadas em suas seções a falarem de si, de seus segredos de beleza, de seus hábitos, de comportamentos e produtos a serem consumidos. As seções das revistas também funcionam como pedagogia para ensinar não só sobre moda, mas sobre normas de elegância, sobre como se deve vestir em cada estação, como ser atraente, como alcançar a perfeição. Interpelam as meninas a usarem, desde muito cedo, determinados produtos de beleza adequados para cada tipo de pele e corpo. Ensinam às meninas como se portarem em determinado lugar, seja em casa ou numa visita, no cinema ou no *shopping*. Para que isso se efetive, as meninas são convidadas a se *testarem* e observarem se são cuidadosas com sua aparência e com sua beleza e, nesta testagem, elas precisam descobrir sobre si, ou seja, ficar *ligadas em si* e se você “[...] é superencanada, nada encanada, mais ou menos encanada. Vá respondendo e seguindo as setas para avaliar se você é encanada com a aparência” (Witch, 2009, p. 10), com os modos *certos* de cuidar de si.

Entendo que as meninas são produzidas pelos múltiplos acontecimentos do seu cotidiano e a mídia impressa procura capturá-las subjetivando-as de um jeito. Isso pode ser observado na seção: *Fique Ligada – Segredos de Meninas*, quando propõe que elas aprendam a falar de si, cuidar de si e, também, sobre os segredos que devam ser guardados *a sete chaves* e afirma: “Se você quer escrever no diário [...] mas espera que ninguém leia, use o código secreto que aparece nesta página [...]. Então, quando tiver algum coisa supersecreta na cabeça é só usar o alfabeto mágico e passar tudo para o papel” (*Barbie*, 1999, n. 42, p. 28).

Assim, as meninas são interpeladas a fazerem anotações, a escreverem ensaios sobre seus segredos mais íntimos, confidências, desejos e sonhos. Ou seja, tudo que deve estar *escondido e guardado a sete chaves* em seus diários, ensinando como proceder para “[...] esconder direitinho o segredo” (*Barbie*, 1999, n. 42, p. 6).

Observo também que no momento em que a revista é composta por um discurso que se institui num determinado regime de verdade, ela busca o tempo inteiro classificar, normalizar, controlar e escolher (nos limites da oferta) um modo de ser menina na atualidade.

As meninas são convidadas, pelas seções das revistas, a constituírem uma identidade que se pretende essencial, natural ou o *único* modo de se estar no mundo. No entanto, as identidades, como nos ensina Hall (1997), nunca são fixas, estáveis, únicas e permanentes. Elas são efeito de um processo de produção, de uma relação, daí porque muitas meninas escapam deste modo único que a revista propõe como o que deve ou não uma menina fazer ou na forma como a mídia busca produzi-las. Desse modo, as meninas, em alguns momentos,

apresentam-se coquetes e rebeldes ou ingênuas e infantis e, em outro, sedutoras e sensuais. Tais revistas, ao interpelá-las a serem de um jeito, mostram como elas são produzidas do modo que são, ou seja, controladas e reguladas da forma que são. Esta é a meta das revistas, ou seja, constituir em sua discursividade *verdades* sobre ser menina de um jeito e não de outro.

Pode-se inferir também, ao se analisar as revistas femininas infantis, que suas técnicas de governo buscam normatizar, disciplinar, regular e controlar seus corpos ensinando-lhes comportamentos, posturas, verdades e saberes sobre o ser feminino (Dornelles, 2000). Nestas, e somente nelas, é possível se escrever: “Agora Cinderela prepara com muito amor os pratos preferidos de seu Príncipe” (*Doce Festa: receitas encantadas*, 2009, p. 17). Tal dito nos faz pensar como funcionam os saberes e poderes que são fabricados pela mídia, pela publicidade, para governar meninas, e como estes são também enredados por discursos que fazem parte, por exemplo, das revistas para meninas e nunca compõem as revistas para meninos. Como estas constituem uma pedagogia cultural e ensinam desde muito cedo as meninas a aprenderem a fazer receitas para seus príncipes.

As Revistas e os Corpos Femininos Infantis

Os discursos que atravessam as revistas ensinam as meninas a produzirem um determinado tipo de corpo. Isto me remete a Foucault (1998c), quando, ao tratar sobre o corpo, instiga a pensar o quanto se investe nos corpos por meio de diferentes práticas disciplinares. É através de tais disciplinamentos que o corpo é utilizado como meio pelo qual nos tornamos visíveis. É também por ele e por meio dele que os outros nos reconhecem, ou que para os outros somos o que somos. As revistas não escapam de mostrar em suas páginas como há uma estreita relação entre poder e corpo infantil e como este se inscreve numa ordem disciplinar. Num tempo como o nosso, em que se elege o corpo como um marcador para se estar no mundo, não há como ignorar que a história da desigualdade nas relações entre homens e mulheres é constituída profundamente não só no corpo feminino infantil, como também nas suas subjetividades (Fischer, 2001).

As meninas devem aprender o que lhes é ensinado nas revistas, desde muito cedo: o corpo é o meio pelo qual se age sobre o mundo e nele incidem determinadas práticas. Essas práticas produzem um corpo de mulher, de homem, de menino ou de menina marcado por sua época, por sua história. Deste modo, as revistas infantis femininas inscrevem no corpo de meninas os modos atuais de se ter um corpo que deve ser controlado, modelado e destacam, em suas páginas, por exemplo, que o efeito do crescimento pode ser devastador para uma modelo ou atriz mirim, ao afirmar: “[...] os produtores iam ver que ela estava banguela. Mas tudo bem, tudo pela profissão. [...] Gosto muito do que

faço e trabalho com amor” (*Veja Kid+*, n. 1, p. 35). Os adultos que para elas escrevem nessas revistas produzem um código de conduta a ser seguido para que as meninas se conduzam dentro de uma normativa de como se deve ser, de como se ter um corpo, de como ser criança.

Atribuir à infância determinado tipo de corpo faz parte de um processo cultural que “[...] depende de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, [...] sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em perene transformação” (Bujes, 2001, p. 32). Daí que as meninas são produzidas e inscritas em relações de poder apresentadas nas páginas das revistas, que lhes imprimem modos de ser meninas de um jeito, evidenciando assim que “[...] personalidade, subjetividades e ‘relacionamentos’ não são questões privadas” (Rose, 1998, p. 30). Faço uso de Rose (1996, p. 25), quando trata dos modos de ser sujeito ao afirmar que o conceito de *subjetivação* tem sido utilizado para “[...] designar todas essas práticas e processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros, como sujeitos de um certo tipo”. Atenta-se sobre isso no dito que segue: “OK! Só tome cuidado para não ser desligada demais, hein? Produzir-se um pouco faz um bem danado à autoestima” (*Witch*, 2009, p. 11), faz bem a seu *eu*.

É importante mostrar como este material impresso aponta para corpos de meninas que precisam estar *ligadas* ao seu tempo. Apresentam como os corpos das crianças ganham um novo sentido social, na medida em que é possível que meninas escapem do modelo de ser menina coquete, delicada, sensual para ser a *supermenina* que “[...] tem sete anos e já é supercampeã de *motocross*” (*Super Menina*, 1997, n. 10, s. p.).

Sobre o corpo infantil, é conduzida uma forma de ação pela qual os *experts*, ao se referirem a seus corpos, pretendem capturar as meninas. *Experts* que se apresentam com autoridade para ditar ordens. Deste grupo de *experts* fazem parte os agenciadores, publicitários, fotógrafos, mães, psicólogos, diretores de teatro, atores e atrizes. São eles que têm autoridade para dizer, definir e agir sobre as meninas, fabricar seus desejos, com a nobre intenção de *ajudá-las* a se *transformarem* naquilo que aponta o editorial da revista *Super Menina*:

Nessa revista você vai encontrar dicas específicas para iniciar a carreira de modelo e atriz [...] desde já é treinar bastante [...] para ajudá-las a descobrir a artista que tem dentro de você e desenvolver seu talento, além de dar dicas quentes para seu sucesso profissional (*Super Menina*, Especial, 1997, nº 3, s.p.).

O efeito deste discurso emerge num quadro que trata das mudanças possíveis no corpo infantil, para torná-lo mais belo; assim, a menina se manifesta: “[...] não consigo conquistar um namorado porque sou feia, por isso quero participar do quadro ‘transformação da Xuxa’” (*Contigo Criança*, 1999, p. 8). Ou ainda, quando seus ditos apontam para que desde cedo uma mulher precisa

sacrificar-se em nome da beleza, o que se evidencia ao mostrar a história de uma atriz que “[...] pesava 100 kg quando era adolescente”. A supergata fez muita dieta e exercício antes de começar a carreira artística” (*Super Menina*, 1997, n. 8, s.p.). Contudo, além de ensinar o sacrifício para ser bela, a revista convida-as a seguirem os passos da atriz (seu guia e modelo), pois terão sucesso se sua ação estiver dentro do código produzido, isto *se quiserem que o sucesso esteja a seu alcance*.

Os discursos das revistas femininas infantis estudadas são recorrentes quando tratam de técnicas de embelezamento, de tornar sadio e vigoroso o corpo das crianças, em que “[...] a temática da beleza se confunde com saúde; a atividade física como um espaço privilegiado de construção do corpo; a constante referência à moda como uma entidade a balizar a aparência” (Figueira, 2003, p.131). São seções que atravessam as revistas com ditos e imagens que não são apenas retratadas, mas produzem certo tipo de menina.

A revista, tal qual um manual escrito pelas atrizes, ensina, por meio de suas pedagogias, às meninas, via mulheres *experts*, o como, desde muito cedo, ou numa idade muito precoce, deve-se buscar a perfeição para se ter sucesso. Tais atrizes apresentam às crianças como ser bela é significativo para uma mulher, mesmo que se atinja esta beleza por meio de cirurgias, cremes milagrosos, próteses etc. Isso é composto de tal modo que as atrizes passam assim a se pronunciar: “[...] quando tenho que me maquiar, uso base, corretivo e batom. O meu preferido é o *Tender Heart* da marca *Clinique*” (*Contigo Criança*, 1999, p. 20). Ou de adultos que sugerem sobre beleza: “[...] mande suas dúvidas, críticas e sugestões. Queremos saber o que você pensa” (*Witch*, 2009, p. 4). De algum modo, ao consumirem os seus ditos e imagens, as meninas estão se apropriando de seus significados, como um modo de ser *eternamente jovem* ou do mito da eterna juventude⁴.

Com tudo o que foi até aqui tratado, não se pode deixar de pensar que, até bem pouco tempo, as revistas para crianças se resumiam aos chamados *gibis* ou histórias em quadrinhos. Todavia, não é por acaso que, num país campeão de cirurgia estética⁵, apresentem em suas páginas elementos da cultura feminina e da feminilidade. Ainda mais: os discursos que tais revistas enunciam produzem efeitos de verdade sobre beleza infantil e o jeito de *ser menina*, que as interpelam e as subjetivam, e sua força de imposição advém do fato de essa *verdade* ser constituída culturalmente.

Algumas técnicas de constituição de corpo propostas pelas revistas são encontradas desde a publicidade dos produtos de beleza infantis até o estímulo às cirurgias para se alcançar o *corpo belo*, tais como: “[...] explicamos que, às vezes, por causa de uma orelha de abano ou uma cicatriz, a criança não consegue nenhum emprego” (*Contigo Criança*, 1999, p. 27). Segundo Foucault (1998b), novos investimentos e intervenções são feitos sobre os corpos, não na forma de “[...] controle-repressão, mas de controle-estimulação: Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (Foucault, 1998b, p. 147). Ou na assertiva de Couto (2003, p. 178):

No presente, multiplicam-se as cirurgias plásticas “modificadoras”, aquelas que visam alterar, corrigir, aperfeiçoar traços e funcionamentos de partes do corpo apenas para atender ao desejo do sujeito de ser diferente, isto é, adequar o corpo aos modelos considerados adequados, exibidos e cultuados. A guerra contra as rugas, a gordura e os volumes indesejados se manifestam na democratização da cirurgia estética, que aparece cada vez mais desdramatizadas [por que não dizer, se manifestam cada vez mais precocemente].

Inocentes/Erotizadas

Como já tratei anteriormente acerca das condições de possibilidades para que, na atualidade, fale-se sobre o sexo e a sexualidade da criança nas revistas femininas infantis, venho observando a emergência das discussões sobre sexualidade na contemporaneidade e como esta possibilita que se invista nos estudos sobre sujeitos infantis femininos ou sobre a sua inocência e a sua erotização. Tais subjetividades são produzidas no interior dos jogos de poder e na medida em que uma subjetividade se afirma, apresenta distinções: está dentro ou fora, pertence a ou não pertence a, isto é, separa, divide e demarca fronteiras sobre o ser menina hoje. Contudo, não pretendo, neste artigo, tratar sobre as meninas nas revistas somente enfocando os estudos de gênero. Tais pressupostos são usados como ferramentas que me ajudam a entender como se constituem as meninas nas revistas⁶.

Sobre crianças no papel percebo, em minhas pesquisas desde a década de 1990, que os enunciados sobre infância de meninas vêm se transformando ao longo dos tempos, visto que estes produzem os modos de ver e dizer menina numa determinada época. Ou seja, os enunciados correspondem a cada época, a cada estrato com seus limiares. Sobre isso, Jenkins (1998, p. 56) argumenta:

A ideia de inocência infantil resultou em dois tipos de atitude e comportamento em relação às crianças: primeiro, salvaguardá-las contra as impurezas da vida e, particularmente, da sexualidade tolerada ou aprovada entre os adultos; e, segundo, reforçar esta inocência pelo desenvolvimento do caráter e da razão. Podemos ver aqui uma contradição: por um lado, uma criança é preservada e por outro, tornada mais adulta/mais velha; mas esta contradição só existe para nós do século XX. A associação da infância com o primitivismo e irracionalismo ou prelogismo caracteriza nosso conceito contemporâneo de infância; apesar de ter aparecido com Rousseau, apenas recentemente ele passou das teorias dos psicólogos, pedagogos, psiquiatras para a opinião pública.

Tratando especificamente das revistas que venho estudando desde aquela época, atento para o modo como estas exibem imagens e ditos estratégicos como modo de assegurar e reforçar o elo discursivo entre infância e inocência. A revista enuncia: “[...] sou a + chiquitita entre as Chiquititas [...] porque todos

cuidam de mim e me tratam com carinho” (*Chiquititas*, 1999, n. 27, p. 44), mesmo porque, “[...] sou tão pequenininha, pareço uma boneca” (*Super Menina*, 1997, n. 8, s.p.). No entanto, esses ditos que tratam da inocência são amealhados por outros, que são misto de sensualidade e erotização. Giddens (1993, p. 20) afirma que a erotização “[...] é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo; uma arte de dar e receber prazer”. Tal prazer vagueia pelo olhar daquele que a olha e pelo qual ela se olha. “É a sexualidade reintegrada em uma ampla variedade de propósitos emocionais, entre os quais o mais importante é a comunicação” (Giddens, 1993, p. 220).

A erotização infantil é um ponto marcante nas revistas estudadas, quando apresentam fotos que as meninas enviam aos seus editores; isso pode ser observado na seção *O clube da Barbie*. Acho importante descrevê-las: “Com 8 anos ela está deitada numa poltrona, veste roupa de alcinha e mostra uma tatuagem no ombro” (*Barbie*, 1999, n. 43, p. 26). “Letícia (3 anos) é fotografada num banheiro de tijolos de vidro, envolta em espumas de banho, com os lábios pintados de vermelho e olhar fixo na lente” (idem, n. 42, p. 27). “Ela está de shortinho, botas de cano alto, cabelos com uma parte presa ao alto da cabeça com um lacinho vermelho, deixando cair seus cabelos sobre os ombros, blusa *top* com um decote que mostra levemente o peito e com o corpo dobrado ela segura os joelhos” (*Super Menina*, 1997, n. 20, s.p.). “Na foto, Gisele está com o corpo curvado mostrando seus pequenos seios, cabelos soltos e revoltos, olhar por sobre o ombro e fixo na lente” (*Super Menina*, 1997, n. 10, s.p.). Contudo, ao fazer a descrição das fotos das meninas, não pretendo desvelar o que está oculto ou subjacente a elas, mas sim mostrar a regularidade dessas imagens de corpos de meninas nas revistas. Aliás, ditos e imagens que se repetem e se contradizem nas suas páginas aparecem com certa regularidade em seu discursos, ao mesmo tempo em que produzem uma modalidade de existência das meninas.

De algum modo, as revistas femininas infantis utilizam estes mecanismos de poder para interpelar as meninas para que se tornem sujeitos cada vez mais inocentes, sedutores e erotizados. Tal discurso apresenta-se baseado em contradições; contudo, não se trata, como diz Foucault (1995a), de pacificar as contradições, mas de demarcar a aspereza do discurso, fazendo aparecer suas contradições perdidas e reencontradas, resolvidas e revividas.

Sobre o que acabei de discutir é interessante atentar ao que as meninas dizem nas seções de cartas: “Acho importante uma revista para nós dessa idade, porque me acho uma mistura de menina comportada, extrovertida, molequinha e sensual” (*Veja Kid+*, Ano 1, p. 83). Este é o discurso em que ser menina bela e sedutora se torna o ícone da vida infantil, daí porque ser bela é conservar o ar de menininha, o corpo belo, o *ar* sensual, erótico e sedutor.

O discurso do prazer *voyeurista*, erotizado e sedutor é uma forma de objetivação das meninas, mostrando como a história do sujeito é também a história de sua objetivação. E essa objetivação produz formas de subjetivação

que levam a determinados modos pelos quais o sujeito passa a se ver. Sobre este jogo de sedução, elas escrevem para as revistas: “Quando vou ao cinema, minha mãe sempre me acompanha por causa do assédio das pessoas, principalmente dos homens” (*Super Menina*, Especial, 1997, n. 3, s.p.).

A produção das subjetividades das meninas, suas experiências de si em relação à sexualidade fazem com que elas operem transformações em si mesmas e, como afirma Neckel (2003, p. 56), “[...] tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas”.

As revistas apontam para um modo de subjetivação próprio da contemporaneidade e que produz meninas inocentes e erotizadas ao mesmo tempo. Isso nos permite ver a inocência e a erotização infantil como algo que se constitui historicamente, ou seja, como algo que não decorre da *natureza da criança*. E volto a Neckel (2003, p.64), quando afirma que “As representações sobre sexualidade, corpo e gênero veiculados em especial pela mídia têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação de identidades infantis e juvenis nos nossos dias”.

De outro modo, a partir de Foucault (1998b), é possível problematizar esta questão, pois é um equívoco pensar que, na sociedade capitalista e burguesa, a realidade do corpo seja negada em proveito da alma, da consciência. Com efeito, nada é mais material, mais corporal e, portanto, mais físico do que o exercício do poder, do controle constante do movimento mais tênue deste corpo infantil. Como afirma Goellner (2003, p.29), “[...] o corpo é também o que dele se diz”. E se diz sobre o que nele se possa ou não fazer, ou seja, como afirma a revista sobre os modos de se controlar a menina que insiste em cantar e dançar a música “[...] pra você que põe A, vire um pouquinho pra cá. Pra você que põe B, bota a bundinha pra tremer” (*Estação Criança*, n. 9, p. 33, s.p.). De tal forma que a possibilidade de exercitar outros jogos sensuais com as crianças tornou-se *um problema* a ser resolvido, tratado, vigiado, controlado e normatizado pela nossa sociedade. Os jogos sensuais *diferentes* dos padrões estabelecidos como *naturais* nem sempre são aceitos. O contraponto disso é que diariamente a mídia em geral e as revistas em particular mostram meninas manifestando-se num misto de inocência e erotização, o que produz uma constante contradição (no sentido foucaultiano) entre a inocência infantil, que precisa ser conservada, e a erotização, que é recorrentemente estimulada nos enunciados das revistas, como aponta a coleção *Chiquititas*: “Mais sexy é impossível!” (1999, n. 35, s.p.).

Tais subjetividades, portanto, estão ligadas a dispositivos de poder e “[...] a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder” (Foucault, 1997b, p. 102). É interessante observar também como as meninas constroem suas próprias teorias sobre sua sexualidade sem a permissão do adulto e na revista comentam: “A gente gosta quando elogiam nossa roupa, principalmente aquele gatinho que todas as meninas da turma paqueram” (*Barbie*, 1999, p. 19); “Dei o meu primeiro beijo! Não

sabia se queria ou não. Tinha que tomar uma decisão e como eu gostava muito dele, fiquei com ele” (*Chiquititas*, 1999, n. 35, s.p.). Entretanto: “[...] somos muito amigos, mas nada mais do que isso” (*Chiquititas*, 1999, n. 35, s.p.).

Os modos de ser menina hoje são produzidos nas revistas aqui analisadas, enunciando as mais diversas configurações que tratam da sexualidade enredada com a aparência, com a conduta, com o comportamento. Daí a importância de interrogarmos seus enunciados, tendo em vista que, desde muito cedo, as meninas são estimuladas a brincadeiras e a atividades que produzem especificidades corporais (Braga, 2004). Deles emergem verdades que indicam o lugar que cada menina deve ocupar para se assujeitar a seus discursos. De algum modo, as revistas desenham, delimitam e esboçam um lugar que as meninas devem ocupar. Concorro com Uberti quando afirma que “[...] o enunciado, em sua materialidade estratégica, entra em redes, se oferece a transformações e campos de utilização, circula, sendo dócil ou rebelde às operações, mantendo ou apagando uma possível identidade” (Uberti, 2007, p. 62), produzindo então subjetividades.

Pode-se afirmar que as meninas são produzidas social e culturalmente e se caracterizam por sua fluidez, instabilidade, transformações com seu caráter fragmentado, instável, histórico e plural. O discurso das revistas enuncia um tipo de sujeito feminino infantil no qual seus corpos ingênuos ou erotizados, infantis ou sensuais ganham sentido na cultura e na sociedade em que se vive.

Sobre Meninas e Meninos

Sobre feminilidades e masculinidades recorrentes nas seções das revistas femininas infantis brasileiras que venho estudando, ainda é forte a diferenciação entre *coisas de meninos* ou *coisas de meninas*. Quando se referem aos meninos, estes dizem: “Vou amontoando tudo até não caber mais, minha mãe fica louca quando vai fazer a faxina” (*Contigo Criança*, 1999, p. 14), conta Rafael. De algum modo, este menino está dizendo que deixar tudo bagunçado é coisa de homem. Vinícios fala: “Logo cedo vou para o computador acessar a *Internet* e enfrentar os desafios dos jogos” (*Contigo Criança*, 1999, p. 31). Faz emergir toda a discussão feita pelo Grupo de Estudos de Educação e Relação de Gênero (GEERGE/UFRGS) sobre os instrumentos usados por meninos e meninas no seu cotidiano, e computador rotineiramente aparece como instrumento de meninos. São discursos que constroem significados e que, portanto, dizem que homens e mulheres são construídos por meio de práticas e relações que “[...] instituem gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas” (Louro, 1997, p. 41) de se ser menino ou menina.

Ao tratar das *coisas de meninas*, naturalmente as seções das revistas mostram: “[...] aprendi desde cedo a cuidar das minhas coisas”, ou, como fala

Luiza: “Gosto de brincar de espuma na piscina de casa e inventar passos de dança para depois exibir nas festinhas ao som das *Spice Girls*” (*Super Menina*, 1997, n. 14). Nestas diferenciações entre coisas de meninos e meninas, as *Princesas Disney* ensinam, por meio de receitas de comidas, que: “Para Bela, o sabor da comida é mais importante do que a apresentação. Por essa razão, seus pratos não são muito enfeitados, mas são saudáveis e naturais. Com eles Bela agrada o paladar da Fera e de todos os simpáticos moradores do castelo onde vive” (*Doce Festa: receitas encantadas*, 2009, p. 39). Essas narrativas mostram como as meninas são capturadas desde muito cedo a um determinado exercício de ser sujeito menino ou menina.

Fechando Provisoriamente Estas Páginas...

Sem esgotar um tema que tanto nos instiga, vou concluindo este artigo em que busquei desconstruir os discursos que tratam de meninas nas revistas femininas infantis e daquilo que se refere aos seus modos de enunciação. Tratei do como foi possível que, a partir do momento em que se capturam as crianças para dentro da casa da família, começam a se inventar pedagogias que ensinam a governar e controlar os infantis. Como os *experts* que para as meninas escrevem nas seções das revistas, utilizam-se de estratégias que informam sobre modos de ser menina hoje e colaboram com a produção de sujeitos-meninas. Posso dizer, a partir do que venho acompanhando em meus estudos sobre estas revistas, que os discursos sobre inocência e erotização de meninas mostram crianças que são convidadas a serem menininhas brincantes e cuidadas, mas que, ao mesmo tempo, devem ser cada vez mais belas, *juvenescidas* e sensuais. Ou seja, deles emerge o grande *espetáculo da vida* que é aquele comandado por corpos que, para desde pequenos serem belos, precisam permanecer sempre jovens, magros e viçosos, assim preparados e modelados ao seu tempo. Corpos que são mostrados e ditos nas páginas destas revistas como aprisionados a um tipo de normatividade que constitui um *know-how*⁷ cultural que é planetário e no qual se incluem meninas que desejem ser mulheres sensuais, inocentes e erotizadas. De tal forma são discursos que convergem para a puberdade ou para a adolescência, visto que esses são os momentos em que emergem as contradições dos sujeitos em suas ousadias, perspectivas de vida, rompimento de convenções, coragens, mas, sobretudo, que apontam para pedagogias que compõem o *grande momento de aprendizagem*, desta aprendizagem que nunca cessa, nunca termina. Talvez por isso as meninas sejam constantemente convidadas pelas revistas a *empubecerem*, *adolescerem*, serem cada vez mais belas. No entanto, mesmo que se produza um modo de ser menina com marcas de uma beleza deste tempo, mesmo que outras meninas resistam aos discursos do embelezamento, ainda que tudo vaze, como sublinha Deleuze (2002), a governabilidade que se impõe sobre as meninas na atualidade

continua produzindo nas páginas das revistas femininas infantis um sujeito-menina que se compõe num misto de inocência, pureza, sensualidade, sedução e erotização.

Recebido em abril de 2010 e aprovado em setembro de 2010.

Notas

- 1 Ao longo do texto, refiro-me às infâncias na busca de reinterpretá-las fazendo transbordá-las de significados e na tentativa de mostrá-las como uma outra possibilidade de viver e viver de outra forma o ser criança. Ao tratá-las como infâncias, atento para as diferentes infâncias que emergem na atualidade, buscando desconstruir conceitos que perfazem os discursos que as inventam, por exemplo, infâncias *dabeleza*, *docorpo*, *damaquilagem*, *dasroupas*, *dofashion*, *daculinária*, *dobrinquedo*, *dabrincadeira*, *damagreza*, *doteste*, *do-segreto*. Ao se desconstruir tais conceitos, problematiza-se a fabricação do sujeito menina e sua imersão no jogo entre infância e poder. Trato destas infâncias como produto de uma trama histórica, cultural e social na qual o adulto que com ela convive busca gerenciá-la por meio da produção de saberes e poderes.
- 2 Estas revistas são estudadas desde 1997, quando surgem em grande escala nas bancas de revistas as femininas infantis como *Barbie*. São Paulo: Abril, 1999. Mensal (outubro 1997 a março 2000); *Chiquititas*. São Paulo: Editorial Atlântida, 1999. Mensal (n. de 15 a 35); *Contigo Criança*. São Paulo: Abril, 1999. Bimestral (C/C, Outubro 1999 a abril de 2000); *Estação Criança*. São Paulo: Escala. Mensal (E/C, n. de 1 a 5); *Super Menina*. São Paulo: ACME, 1997. Mensal (n. de 1 a 20); *Veja Kid+*. São Paulo: Abril. Ano 1. Mensal (n. 1 a 5); *Witch*. São Paulo: Abril 2003-2009. Mensal (10 a 89); *Princesas Disney*. São Paulo: Abril, 2009; *Doce Festa*: receitas encantadas. São Paulo: Abril, 2009.
- 3 A produção das revistas femininas infantis que apareceram nos últimos anos centra-se fundamentalmente no modelo de revistas para mulheres, desde os seus nomes – *Contigo Criança*, *Veja Kid+*, *Super menina* (SM) entre outras – até a organização das seções: *Você é a capa*, *Diário*, *Horóscopo*, *Mão na Massa*, *Testes*, *E-mail (bate-papo)*, *Fotoquadrinhos etc.*
- 4 Sobre juvenescimento, *vide* Dornelles (2002).
- 5 Para José Yoshikazu, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica: “O Brasil é o segundo país no *ranking* de cirurgias plásticas, só perde para os Estados Unidos. Pesquisa do *Datafolha* mostra que entre 2007 e 2008 foram realizadas 434 mil intervenções estéticas no Brasil”. “País registra 1,2 mil plásticas ao dia. Foram 157 mil cirurgias em 1 ano e outros 172 mil reparos, diz pesquisa; implante de silicone lidera. Disponível em: <<http://www.cirurgioplastica.org.br>>. Acesso em: 18/09/2009.
- 6 Este tema é exaustivamente discutido em Scott (1976), Giddens (1993), Britzman (1996), Louro (1997, 1999), Walkerdine (1997; 1999), Carvalho (2001), Fischer (2001), Felipe (2000; 2003), Carvalho e Rocha (2004) entre outros/as.

7 O *know-how*, *savoir-faire* ou conhecimento processual é o conhecimento de como executar alguma tarefa. Disponível em: <PT. wikipedia.org>. Acesso em: 10 ago. 2009.

Referências

- BARBIE. São Paulo: Abril, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGA, Adriana. Corporiedade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais. In: CARVALHO, Marie Jane; ROCHA, Cristianne. **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.21, n.1, p.71-96.
- BUJES, Maria Isabel. **Infância e Maquinarias**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 305 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- CARVALHO, Marília. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 554-576, 2001.
- CHIQUITITAS. São Paulo: Editorial Atlântida, 1999. Mensal (n. de 15 a 35).
- CONTIGO CRIANÇA. São Paulo: Abril, 1999. Bimestral (outubro 1999 a abril de 2000).
- COUTO, Edvaldo. Corpos Modificados: o saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DELEUZE, Gilles. El intelectual y la política. Sobre Foucault y la prisión (Entrevista com Gilles Deleuze). **Archipiélago – cuadernos de crítica de la cultura**, n. 53, Barcelona: Archipiélago, 2002, p. 68-64.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Meninas no Papel**: os significados do ser menina nas revistas femininas infantis. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 173f (Proposta de tese). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.
- DREYFUS, Paul; RABINOW, Hubert. **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995b.
- DOCE FESTA: receitas encantadas. São Paulo: Abril, 2009.
- ESTAÇÃO CRIANÇA. São Paulo: Escala. Mensal (n. de 1 a 5).
- FELIPE, Jane. **Governando Mulheres e Crianças**: Jardins de Infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- FIGUEIRA, Marcia Luiza. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo**,

Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O capricho das disciplinas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 47-66, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Identidade, cultura e mídia: a complexidade de questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FONSECA, Márcio. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Graal, 1997a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1998c.

FOUCAULT, Michel. **Estratégias de Poder**. Obras essenciais, Volumen II. Barcelona: Paidós, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo**. São Paulo: UNEP, 1993.

GOELLNER, Silvana. A produção do corpo. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GORE, Jennifer. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura – notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, 1997, p. 14-46.

JENKINS, Henry. Childhood innocence and other modern myths. In: JENKINS, Henry. **The Children's culture reader**. New York: New York University Press, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade, Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2000, v. 25, n. 2, p. 15-48.

MARZOLA, Norma Regina. Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola. In: COSTA, Marisa (Org.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: UFRGS, 2000.

NECKEL, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane, GOELLNER, Silvana (Org.) **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRINCESAS DISNEY. São Paulo: Abril, 2009.

ROSE, Nikolas. **Inventing our Selves**: Psychology, power and personhood. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz (Org.). **Liberdades Reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero categoria útil de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, p. 71-99, 1995.

SUPER MENINA. São Paulo: ACME, 1997. Mensal (n. de 1 a 20).

UBERTI, Luciane. **Escola Cidadã**: dos perigos de sujeição à verdade. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VEJA KID+. São Paulo: Abril. Ano 1. Mensal (n. 1 a 5).

WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das meninas pequenas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 75-88, 1999.

WÍTCH. São Paulo: Abril, 2003-2009. Mensal (n. 10 a 89).

Leni Vieira Dornelles é professora doutora da Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil, coordena o GEIN (Grupo de Estudos em Educação Infantil). É membro da COMPÓS/Faced e atua no Pós-Graduação na Linha de Pesquisa Estudos sobre Infâncias.

E-mail: ledornel@redemeta.com.br